

RENASCIDO DO NADA

A história de um homem que saiu da prisão sem um abraço e construiu um império de família e concreto

NÃO
TINHA NADA.
NEM NOME.
NEM FUTURO.
SÓ ESCOLHAS.
E FÉ.

CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

DISCIPLINA
TRABALHO
FÉ
FOCO
FAMÍLIA
LE...

Autora
Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

RENASCIDO DO NADA: A HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE SAIU DA
PRISÃO SEM UM ABRAÇO E CONSTRUIU UM IMPÉRIO DE FAMÍLIA
E CONCRETO



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Autor

Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

Publicação

Editora Humanize

Diagramação e Editoração

Luis Filipe Oliveira Duran

Caroline Taiane Santos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Editora Humanize, BA, Salvador)

R397q
RC00053

QUEIROZ, Clesia Carneiro Da Silva Freire.

Renascido do Nada: A história de um homem que saiu da prisão sem um abraço e construiu um império de família e concreto - 1ªed. Bahia / BA: Editora Humanize, 2026.

1 livro digital; ed. I; il.

ISBN: 978-65-5255-197-9

CDD 365.6

CDU 821.134.3

1. Sistema prisional 2. Ressocialização 3. Redenção 4. Superação
I. Título

1. Administração e condições de prisões - CDD 365.6

2. Literatura em língua portuguesa / Narrativa - CDU 821.134.3

“Ninguém esperava do lado de fora.

Então ele teve que se esperar por dentro.”

DEDICATÓRIA

Para quem saiu da cadeia e ninguém esperava.

Para quem ainda está lá dentro e sonha com o lado de fora.

Para quem perdoou — ou está tentando.

Para quem precisa ouvir que não é tarde.

Este livro é seu.

NOTAS DA AUTORA

Prezado leitor, prezada leitora,

O livro que você tem em mãos — *Renascido do Nada* — é uma obra de ficção. Todos os personagens, nomes, datas, locais, instituições e eventos descritos ao longo destas páginas são **totalmente fictícios**. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, ou com acontecimentos históricos concretos, é mera coincidência.

Não se trata de uma biografia. Não se trata de um livro-reportagem. Não se trata de um depoimento real.

Optei por escrever esta história em **primeira pessoa** por uma razão específica: a intimidade. O leitor precisa estar dentro da cabeça de Marcos. Precisa sentir o cadarço no pescoço. Precisa ouvir o rangido do portão da prisão. Precisa experimentar o silêncio ensurdecedor de sair da cadeia e não encontrar ninguém. Precisa chorar com ele na formatura sozinha. Precisa sorrir com ele quando segura o filho pela primeira vez.

Isso só é possível em primeira pessoa. A terceira pessoa criaria distanciamento. A segunda pessoa seria forçada. A primeira pessoa é a voz da pele, do suor, do medo, da superação. É a voz de quem não tem nada a esconder — porque já perdeu tudo.

Além disso, escrever em primeira pessoa permite que o leitor **habeite o conflito** sem julgamento antecipado. Você não precisa concordar com o crime. Você não precisa perdoar Marcos. Você só precisa acompanhá-lo. E, ao final, decidir por si mesmo o que significa "redenção".

Escolhi tornar todos os elementos **fictícios** por respeito.

Respeito às vítimas de crimes reais. Respeito às famílias que esperam do lado de fora dos presídios. Respeito aos ex-presidiários que realmente conseguem se reerguer — e aos que não conseguem. A ficção permite tocar na ferida sem machucar pessoas concretas. Permite emocionar sem explorar. Permite inspirar sem deturpar.

As datas, locais e nomes foram alterados ou inventados justamente para proteger esse território entre a realidade e a arte. O presídio de Presídio Regional de Monte Serrat é fictício. A cidade de São Paulo é real — mas este Marcos da Silva que matou, estudou, construiu e amou **não** está nas certidões de óbito nem nas atas de formatura de nenhuma unidade prisional.

Ele está, espero, no coração de quem ler este livro.

Esta obra nasceu de uma pergunta:

"O que acontece depois que a pena acaba?"

A sociedade raramente se pergunta isso. A mídia mostra o crime, o julgamento, a prisão. Raramente mostra o portão abrindo. Raramente mostra o silêncio do lado de fora. Raramente mostra o que um homem é capaz de construir quando não tem nada — e ninguém.

Renascido do Nada tenta responder essa pergunta. Não com estatísticas. Não com teses acadêmicas. Não com debates jurídicos. Com uma história. Uma única história. Um homem. Sua queda. Sua luta. Sua volta.

Se, ao fechar este livro, você se sentir um pouco mais esperançoso — ou um pouco mais disposto a dar uma segunda chance a alguém —, então a ficção terá cumprido seu papel mais nobre.

E se você se sentir apenas emocionado, sem saber por que... também está certo. Às vezes, a emoção não precisa de explicação. Ela só precisa de uma história bem contada.

Espero ter contado bem a sua.

Com respeito e gratidão,

A Autora



SINOPSE

Ele matou um homem aos 22 anos.

Passou 18 anos atrás das grades.

Quando saiu, ninguém estava esperando.

Hoje, é engenheiro civil. Dono de uma construtora que constrói escolas, hospitais e pontes. Tem esposa, dois filhos e uma casa com quintal.

Esta não é uma história sobre o crime.

É uma história sobre o que vem depois.

Marcos da Silva não pediu perdão. Não pediu pena. Não pediu que ninguém esquecesse o que ele fez. Ele apenas cumpriu os 18 anos que a justiça determinou – e saiu. Sem mãe. Sem namorada. Sem amigos. Sem um abraço. Sem um olá.

Apenas R\$ 87,00 no bolso e uma pasta com certificados de estudos feitos dentro da prisão.

Renascido do Nada é a narrativa em primeira pessoa de um homem que tocou o fundo do poço – e cavou um pouco mais – antes de decidir que a única direção possível era para cima.

Do cadarço na grade da janela à primeira viga de concreto calculada mentalmente na solitária. Do albergue para moradores de rua ao primeiro contrato milionário. Do abandono da própria mãe ao nascimento do filho Miguel, segurado no colo com as mesmas mãos que tiraram uma vida.

Com honestidade brutal e emoção crua, Marcos não esconde nada: o desespero, a fome, o preconceito, a quase falência, os ataques de pânico, o medo constante de ser descoberto. Mas também não esconde a vitória – conquistada tijolo por tijolo, sem atalhos, sem ajuda, sem milagres.

Apenas força de vontade. Apenas escolha.

Apenas um homem que se recusou a ser definido pelo pior dia da sua vida.

"Não importa o que você fez. Importa o que você faz depois."

Esta não é uma história real. Mas poderia ser. E é exatamente por isso que você não vai conseguir parar de ler.

Sumário

PARTE 1: A QUEDA	12
Capítulo 1 — O Dia do Crime	12
Capítulo 2 — O Julgamento	15
Capítulo 3 — O Primeiro Dia na Cadeia	18
Capítulo 4 — O Abandono	22
Capítulo 5 — O Fundo do Poço	24
PARTE 2: A TRANSFORMAÇÃO	27
Capítulo 6 — O Estalo (e os livros escondidos).....	27
Capítulo 7 — O Inimigo Interno	33
Capítulo 8 — A Primeira Vitória Invisível	36
Capítulo 9 — A Construção da Identidade Nova	38
PARTE 3: A RESSURREIÇÃO.....	41
Capítulo 10 — O Portão se Abre	41
Capítulo 11 — Os Primeiros 30 Dias (e o Preço do Tijolo)	44
Capítulo 12 — O Diploma (dois anos depois).....	47
Capítulo 13 — O Primeiro Contrato	50
Capítulo 14 — O Erro e a Quase Falência	53
Capítulo 15 — A Virada.....	56
PARTE 4: O QUE ELE CONSTRUIU	58
Capítulo 16 — Ela	58
Capítulo 17 — Os Filhos	66
Capítulo 18 — A Empresa.....	68
Capítulo 19 — O Reencontro com o Passado	70
Capítulo 20 — O que Ele Aprendeu	74
EPÍLOGO: Carta ao jovem de 22 anos.....	77



PARTE 1: A QUEDA

Capítulo 1 — O Dia do Crime

Ele se chama Marcos. Hoje tem 52 anos. É engenheiro civil. Tem uma esposa, dois filhos, uma empresa de construção com mais de cem funcionários e uma casa com quintal onde as crianças correm descalças.

Mas a história não começa aí.

A história começa numa terça-feira qualquer, 18 de março de 1994. Marcos tem 22 anos. É magro, cabelo preto e comprido, olhos cansados de quem trabalha desde os 14. Mora num cômodo alugado atrás da casa de uma senhora idosa no subúrbio de São Paulo. O fogão é de duas bocas, uma não funciona. A geladeira faz barulho de motor morrendo, o tempo todo.

Naquela manhã, ele acordou com o telefone do vizinho tocando. Não era para ele — nunca era. Ele não tinha telefone. Não tinha amigos que ligassem. Tinha uma mãe que chorava e um pai que nunca apareceu.

A noite anterior, a mãe ligou do orelhão da padaria. Disse que estava doente, que não tinha dinheiro para o remédio, que o senhorio ameaçou despejar. Marcos ouviu o choro dela, o chiado da linha, e prometeu que daria um jeito.

Ele não sabia como.

Trabalhava numa obra como servente. Ganhava pouco. Gastava quase tudo com o aluguel e a comida. No bolso, naquela manhã, tinha dezessete reais.

Dezessete reais.

Ele pegou o ônibus às 6h30. Sentou no fundo, encostou a cabeça no vidro. O céu estava cinza. Ia chover. Ele sabia porque o joelho doía — herança de uma queda de bicicleta aos 16.

O dia passou como todos os outros: carregar areia, misturar cimento, ouvir gritos do mestre de obras. Na hora do almoço, comeu arroz com ovo sentado num saco de cimento. Bebeu água da torneira. Não reclamou. Nunca reclamava.

O fim da tarde chegou. Ele pegou o ônibus de volta. Estava cansado. Mole. A mente viajando entre o remédio da mãe e o aluguel que venceria em três dias.

Foi ali que aconteceu.

O ônibus parou num sinal. Marcos desceu. Precisava andar mais quinze minutos até o quarto. A calçada estava molhada. O céu escuro.

Ele atravessou a rua. Não olhou direito. Um carro buzinou. Alto. Demais.

Marcos olhou. O motorista — um homem de camisa social, barba por fazer, olhos irritados — gesticulava. Marcos não entendeu o gesto. Achou que era xingamento. Xingou de volta.

O homem desceu do carro.

Mais tarde, Marcos tentaria lembrar o que disse. Palavras soltas. "Olha onde anda." "Seu filho da mãe." Coisas assim. O homem respondeu com outra coisa. A voz era alta. O dedo apontado.

Alguém empurrou alguém. Marcos não lembra quem.

Depois veio a faca.

A versão oficial diz que Marcos sacou uma faca do bolso — uma faca pequena, de cozinha, que ele carregava por hábito, por medo de assalto na volta do trabalho. A versão de Marcos é que o homem tirou a faca primeiro. Que ele viu o brilho do aço no reflexo do poste. Que agiu por instinto.

O que ninguém discute: um golpe só. Um golpe só.

A faca entrou no peito do homem. Não fundo — mas no lugar certo. O lugar errado.

Roberto, 34 anos, pai de dois filhos, dono de uma distribuidora de bebidas, caiu de joelhos. Depois de bruços. Depois não se mexeu mais.

Marcos ficou parado. A faca na mão. O sangue escorrendo pela lâmina até os dedos. O barulho do trânsito continuava. Ninguém parou. Ninguém viu. Ou quase ninguém.

Uma mulher numa janela gritou.

O resto foi correria, sirene, algemas.

Na delegacia, Marcos não pediu advogado. Não pediu água. Quando perguntaram o nome, disse. Quando perguntaram o que aconteceu, disse: "Eu matei um homem."

Não disse legítima defesa. Não disse que foi sem querer. Não disse nada além disso.

O delegado olhou para ele. "Você tem certeza?"

"Sim."

Naquela noite, na cela provisória, Marcos sentou no chão de cimento. Não chorou. Não rezou. Não dormiu.

Ele pensou na mãe. No remédio que ela não teria. No aluguel que não pagaria. Na geladeira que continuaria fazendo barulho.

E pensou no homem que matou. No nome que só soube depois: Roberto. Nos filhos que não sabiam que o pai não voltaria para casa.

Naquele momento, Marcos decidiu uma coisa: não fugiria. Não mentiria. Pagaria.

O que ele não sabia é que pagar levaria dezoito anos. E que, no fim, ninguém estaria esperando.

— Não me lembro do grito dele. Me lembro do silêncio depois.

Capítulo 2 — O Julgamento

O Fórum Criminal de São Paulo tem corredores longos, paredes bege, cheiro de café velho e papel mofado. No dia 23 de outubro de 1995, dezoito meses depois do crime, Marcos entrou naquele corredor algemado.

Tinha engordado uns quilos na prisão provisória. Não por comida boa — por desespero. Comer era o único prazer. Arroz, feijão, uma carne dura, às vezes um ovo. Ele comia rápido, sem sentir gosto, apenas para preencher o vazio.

O tribunal estava lotado. A família de Roberto ocupava as três primeiras fileiras. Usavam camisetas brancas com o rosto dele estampado em preto e branco. A foto sorridente. O bigode fino. Os olhos vivos que não veriam mais os filhos crescerem.

A mãe de Marcos estava no fundo, sozinha, num canto. Vestia um vestido azul marinho que já tinha usado em dois enterros. O cabelo estava preso. As mãos trêmulas seguravam um terço.

Entre elas, o vazio. O silêncio. O peso.

O promotor se levantou. Usava terno cinza, gravata vermelha. Falou com a voz grave de quem ensaiava aquelas palavras há meses.

"O réu, Marcos da Silva, sem antecedentes, sem histórico violento, no dia 18 de março de 1994, desferiu uma facada no peito da vítima Roberto Alves, causando-lhe a morte por hemorragia interna. Não houve motivo. Não houve discussão proporcional. Não houve nada além da fúria de um homem que não soube controlar seus instintos mais primitivos."

Ele fez uma pausa. Olhou para a família de Roberto. A viúva chorava baixinho.

"O Ministério Público pede vinte e cinco anos de reclusão. Não por vingança. Por justiça."

A advogada de Marcos, uma mulher de cabelos grisalhos chamada Dra. Fátima, que o visitou seis vezes na cadeia sem cobrar um centavo a mais do que o valor simbólico que a Defensoria pagava, levantou-se devagar.

"Excelência, Marcos não negou o crime em nenhum momento. Não destruiu provas. Não fugiu. Sentou no meio-fio e esperou a polícia. Isso não é atitude de um monstro. É atitude de um homem que cometeu um erro terrível e assumiu a responsabilidade."

Ela mostrou laudos psicológicos. Mostrou depoimentos de vizinhos que descreviam Marcos como "calado, trabalhador, nunca arrumou confusão". Mostrou que ele não tinha armas em casa, não tinha envolvimento com tráfico, não tinha nada que sugerisse violência premeditada.

"Foi uma briga de trânsito que deu errado. Trágico. Imperdoável. Mas não foi crime premeditado. Não foi crueldade. Foi descontrole. E descontrole não merece vinte e cinco anos."

O juiz ouviu. Anotou. Coçou o queixo.

Depois chamou Marcos para a última palavra.

Marcos levantou. As algemas tilintaram. A sala inteira prendeu a respiração.

Ele olhou para a família da vítima. A viúva desviou o olhar. As crianças não estavam ali — só os adultos.

"Eu não tenho desculpa", ele disse. A voz saiu mais baixa do que ele queria. "Não vou dizer que foi sem querer. Não vou dizer que ele mereceu. Eu não conhecia ele. Ele não me conhecia. A gente se encontrou num segundo que deu tudo errado."

Ele respirou. As mãos suavam.

"Se eu pudesse voltar, eu não teria descido do ônibus. Eu teria seguido em frente. Teria ouvido a buzina e seguido em frente. Mas eu não voltei. Eu não posso voltar. Então eu vou pagar. O tempo que o senhor determinar."

Silêncio.

O juiz pigarreou.

"Diante dos fatos, da gravidade do crime, da perda irreparável da vida de Roberto Alves, e considerando a confissão espontânea do réu, condeno Marcos da Silva a vinte e dois anos de reclusão em regime fechado."

A mãe de Marcos desmaiou. O corpo dela escorregou da cadeira, o terço caiu no chão, as contas se espalharam pelo piso de granizo. Uma técnica da enfermagem correu.

Marcos não viu. Os agentes já o puxavam pelo braço. Ele ouviu os gritos da família da vítima. "Justiça!" "Assassino!" "Apodrece na cadeia!"

Ele não olhou para trás.

Atravessou o corredor comprido. As algemas doíam no pulso. Os passos ecoavam. Em algum lugar, um telefone tocava.

Carla, a namorada, não estava no tribunal. Ela disse que iria. Não foi. Nunca mais apareceu.

— O juiz me perguntou se eu tinha algo a dizer antes da sentença. Eu disse que sim. Mas não saiu nenhuma palavra.

Capítulo 3 — O Primeiro Dia na Cadeia

Presídio Regional de Monte Serrat é fictício, 1995.

O presídio ficava a quarenta quilômetros da cidade, mas parecia existir em outro planeta. As paredes eram altas, três metros de concreto armado com cacos de vidro no topo. Arame farpado. Torres de vigilância. Holofotes que varriam o pátio a noite inteira.

O ônibus celular entrou pelo portão principal. O som foi inconfundível: um rangido profundo, metálico, definitivo. Marcos ouviu aquele barulho e sentiu algo se fechando dentro do peito. Não era o coração. Era a esperança.

Os agentes mandaram descer. Formaram os presos em fila. Eram oito naquele transporte. Alguns choravam. Um deles urinou nas calças. Outro, mais velho, fumava um cigarro sem pressa, como se estivesse entrando num bar.

"Revista", gritou um agente.

Marcos tirou a roupa. Ficou nu numa sala fria, com piso de cimento, lâmpada fluorescente piscando. Mandaram se agachar, tossir, abrir a boca. As mãos sujas de luva de procedimento tocaram onde nenhuma mão deveria tocar.

Ele não reagiu. Aprendeu na primeira semana: reagir é apanhar. Reclamar é apanhar. Perguntar o motivo é apanhar.

Vestiu o uniforme laranja. Sandália de dedo. Número costurado no peito: 38472.

A cela era para seis. Tinha doze.

Colchões finos no chão. Um vaso sanitário sem porta. Um tanque com água que saía fria às 6h e às 18h. Cheiro de urina, suor, mofo, maconha queimada.

Marcos escolheu um canto perto da parede. Sentou. Encolheu os joelhos no peito. As costas doíam. A cabeça doía. Tudo doía.

Os outros presos olharam para ele. Mediram. Avaliaram. Um deles, um homem grande, calvo, tatuagem de palhaço no braço, aproximou-se.

"Primeira vez?"

"Sim."

"O que fez?"

"Não importa."

O homem riu. Mostrou dentes amarelados. "Importa sim. Aqui dentro, o que você fez define onde você senta, onde dorme, com quem anda."

"Matei um homem."

O riso parou. O homem grande olhou nos olhos dele. Depois assentiu. "Respeito."

Não era respeito. Era medo dos outros. Ninguém mexe com quem matou. Pelo menos no primeiro dia.

O jantar era uma caneca de sopa rala e um pedaço de pão duro. Marcos comeu devagar. Mastigou cada migalha. A sopa estava fria. A carne era um osso. Ele comeu o osso também.

A noite caiu. As luzes do pátio acenderam. Depois apagaram. Ficou apenas a luz azulada do corredor, fraca, fantasmagórica.

Os homens roncavam. Um deles falava sozinho. Outro soluçava baixinho.

Marcos não dormiu. Ficou sentado, encostado na parede, olhando para o teto de concreto. Contou os minutos. Depois as horas. Depois desistiu de contar.

Na madrugada, ouviu passos. Um preso mais velho aproximou-se, sentou ao lado.

"Você vai sobreviver", disse. A voz era calma, pausada. Marcos reconheceu o sotaque nordestino. "Mas não vai ser o mesmo. Esquece quem

era lá fora. Aqui você é ninguém. Aqui você é número. Quando aceitar isso, a dor diminui."

"Qual o seu nome?"

"Nordeste. Só Nordeste. Meu nome de verdade morreu no primeiro ano."

Nordeste tirou um cigarro bolado com papel de caderno. Acendeu com isqueiro de pederneira.

"Prendeu por quanto?"

"Vinte e dois."

Nordeste assobiou. "Pesado. Vai ver a mãe, o pai, a mulher?"

"Não tenho ninguém."

Nordeste fumou em silêncio. Depois jogou o cigarro no chão, amassou com a sandália.

"Então agora você tem a gente. Não é família. É pior. Mas é o que tem."

Ele se levantou e voltou para o colchão. Marcos ficou ali, olhando a ponta do cigarro apagada no chão.

Ninguém. Ele tinha dito a verdade. Mas ouvir aquilo dito por outro doeu.

Naquele momento, Marcos decidiu uma coisa: não seria ninguém para sempre. A cadeia não ganharia.

Ele só não sabia como.

— Em 24 horas eu perdi meu nome, meu rosto, minha história. Ganhei um número.

Capítulo 4 — O Abandono

O primeiro mês foi de sobrevivência pura.

Marcos aprendeu as regras em dias: não olhar fixo para ninguém, não pegar comida oferecida sem conhecer a procedência, não ficar sozinho no banho, não emprestar nada que queira de volta.

Aprendeu a fazer a cama em trinta segundos — senão o agente desfazia e mandava fazer de novo. Aprendeu a comer em três minutos — senão a comida sumia. Aprendeu a andar com a cabeça baixa e os olhos atentos.

No quadragésimo dia, recebeu a primeira visita.

A mãe apareceu no parlatório. Estava mais magra. Os olhos fundos. O vestido azul marinho de novo.

"Meu filho", ela disse. A voz saiu engasgada. "Meu filho, meu filho."

Marcos pegou na mão dela através do vidro. O telefone chiou.

"Mãe, para de chorar. Tô bem."

"Você não tá bem. Olha pra você. Tá magro. Tá pálido."

É o sol que não bate muito aqui, ele pensou. Mas não disse.

"Você volta mês que vem?"

"Volto. Toda semana, meu filho. Toda semana."

Ela voltou na segunda semana. Depois na terceira. Na quarta, não veio. Mandou um bilhete por um primo: "Tô doente, mês que vem vou".

O mês seguinte não veio.

O primo apareceu sozinho.

"Ela mudou. Não deixou endereço."

"Como assim não deixou endereço?"

"Ela disse que não aguenta. Que ver você ali... mata ela. Que ela prefere lembrar do menino que ela criou. Não de..."

Ele não terminou a frase. Marcos terminou mentalmente: não do homem que matou.

Ele não chorou na frente do primo. Esperou voltar para a cela. Deitou no colchão fino. Enfrentou o teto de concreto.

Você está sozinho agora. Sozinho mesmo.

No quinto mês, Carla escreveu.

A carta veio num envelope comum, sem perfume, sem coração desenhado. A letra dela era bonita, redonda, de quem caprichava na caligrafia.

"Marcos,

Pensei muito antes de escrever. Não sei como dizer isso sem doer. Mas a verdade é que não posso esperar. Minha vida está passando. Eu tenho 21 anos. Não quero passar os próximos vinte indo visitar você numa cadeia.

Conheci outra pessoa. Ele não é perfeito. Mas ele está lá fora.

Não me procure quando sair. Não te odeio. Mas não quero te ver.

Me desculpa.

Carla."

Marcos leu a carta três vezes. Na quarta, dobrou e guardou debaixo do colchão.

Nunca respondeu.

No aniversário de 23 anos, nenhum cartão. Nenhum bolo. Nenhum parabéns. O refeitório serviu arroz com feijão como todo dia. Ele soprou as velas imaginárias e fez um pedido em silêncio.

Viver. Só isso. Viver.

Nordeste aproximou-se na hora do banho de sol.

"Hoje é seu aniversário, né?"

"Como sabe?"

"Eu sei tudo aqui dentro. É o único emprego que presta."

Nordeste tirou do bolso um bombom derretido. "É o que tem. Feliz aniversário."

Marcos comeu o bombom em dois bocados. O chocolate estava amargo, meio rançoso. Foi o melhor presente da vida dele.

— O dia que você espera uma carta e o envelope não vem... é o dia que você morre um pouco.

Capítulo 5 — O Fundo do Poço

O décimo quarto mês foi o pior.

Não houve briga. Não houve morte. Não houve surra. O que aconteceu foi pior que tudo isso: o silêncio dentro da cabeça ficou insuportável.

Marcos acordava às 4h da manhã com o peito apertado. Não conseguia respirar direito. O coração disparava sem motivo. As mãos tremiam. Ele pensava em Roberto. Pensava na faca entrando. Pensava no sangue no asfalto.

Não conseguia parar.

O desespero vinha em ondas. Primeiro um incômodo no estômago. Depois uma inquietação nas pernas. Depois a sensação de que o concreto ia desabar em cima dele.

Ele não sabia o nome daquilo. Na cadeia, não tinha psiquiatra. Não tinha ansiolítico. Não tinha nada. Tinha apenas a força de vontade — e a força de vontade tinha um limite.

Numa noite de terça-feira, ele sentiu que atingiu o limite.

Pegou o cadarço do tênis. Era fino, de algodão, meio desfiado. Amarrou na grade da janela. O nó ficou firme. Puxou duas vezes para testar.

Ele ficou em pé. O cadarço no pescoço. Olhou para a cela escura. Os outros presos dormiam. Nordeste roncava baixinho. O vaso sanitário gotejava.

"É isso", ele pensou. "Não tem pra onde correr. Não tem ninguém lá fora. Não tem nada."

Ficou ali por três horas.

Três horas.

Em nenhum momento ele deu o passo final. Em nenhum momento ele pulou. Ele apenas ficou, sentindo o cadarço no pescoço, a cabeça vazia, o coração cansado.

O que o salvou foi Robson.

Robson era um preso novo, 28 anos, condenado por roubo. Ele acordou para mijar. Viu Marcos no canto. Viu o cadarço. Não gritou. Não chamou ninguém. Apenas levantou, foi até ele, e disse:

"Desce daí, cara."

Marcos não respondeu.

"Desce. Se é pra morrer, que seja lutando. A cadeia não vai ter o gosto de te enterrar."

Robson tirou o cadarço da grade com calma. Marcos deixou. O corpo estava mole. As pernas tremiam.

Robson o sentou no colchão. Devolveu o cadarço. "Guarda. Mas não usa de novo."

Marcos guardou. Nunca mais usou.

No dia seguinte, ele pediu para falar com a psicóloga voluntária que vinha uma vez por mês. Ela o atendeu na sala fria, perto da administração.

"O que você sente?" ela perguntou.

"Nada."

"Você tentou se matar ontem, Marcos. Nada é mentira."

Ele chorou. Trinta e cinco minutos de choro. A primeira vez desde o crime.

A psicóloga não disse palavras bonitas. Não disse " tudo vai passar". Ela disse apenas:

"Você está no fundo do poço. O bom do fundo do poço é que a única direção possível é pra cima. Se você quiser."

Ele quis. Não naquele dia. Mas naquela semana. Aos poucos.

— O fundo do poço tem silêncio de tumba. Mas também tem eco. O eco de você mesmo perguntando: vai desistir?



PARTE 2: A TRANSFORMAÇÃO

Capítulo 6 — O Estalo (e os livros escondidos)

O 18º mês na cadeia começou como todos os outros: despertador às 6h, contagem de cabeças, café ralo com pó no fundo da caneca, sol rachando o pátio de cimento.

Mas aquele dia tinha algo diferente.

Um cartaz amarelo foi pregado no mural do corredor principal. Letras pretas, mal impressas:

PROJETO NOVOS CAMINHOS

Aulas de matemática básica para presos

Voluntários: professores aposentados

Todas as segundas e quartas, 14h, sala 7

Vagas limitadas.

Ninguém se inscreveu. Dos duzentos homens da galeria, apenas sete apareceram. Os outros preferiram pátio, fofoca, baralho, dormir.

Marcos foi por tédio. Não por vontade. Não por esperança. Porque o tédio na cadeia é uma doença crônica, e qualquer remédio serve.

A sala 7 ficava no fim do corredor D, ao lado da lavanderia. Cheirava a alvejante e mofo. As cadeiras eram de plástico branco, algumas com as pernas quebradas. Um quadro negro rabiscado ocupava a parede inteira.

Os sete presos sentaram em silêncio. Ninguém olhava para ninguém. Ninguém queria estar ali.

O professor entrou.

Era um senhor de cabelos completamente brancos, magro, óculos de armação de tartaruga, camisa xadrez dentro da calça. Caminhava devagar, com um apoio de bengala na mão esquerda. A direita carregava uma caixa de giz.

“Boa tarde”, ele disse.

Silêncio.

“Meu nome é Dr. Hélio. Sou engenheiro aposentado. Passei quarenta anos calculando pontes, prédios, viadutos. Hoje venho calcular outras coisas. Venho calcular o futuro de vocês.”

Ninguém riu. Os presos não riam de piadas de velho.

Dr. Hélio escreveu no quadro: $x^2 - 5x + 6 = 0$

“Alguém sabe resolver?”

Um preso levantou a mão. “É conta de segundo grau.”

“Muito bem. Seu nome?”

“Jeferson.”

“Jeferson, me diga: o que é x?”

“O número que a gente não sabe.”

“Correto. E como encontramos ele?”

Ninguém respondeu. Dr. Hélio olhou para cada uma das sete faces. Chegou em Marcos.

“E você. Qual seu nome?”

“38472.”

“Não perguntei seu número. Perguntei seu nome.”

Os outros presos se mexeram na cadeira. Ninguém chamava preso pelo nome. Nome era luxo. Número era regra.

“Marcos”, ele disse, baixo.

“Marcos, o que você quer ser quando sair daqui?”

A pergunta doeu. Porque há dezoito meses ele não pensava em sair. Não pensava em depois. Não pensava em quando. Pensava apenas em sobreviver até o fim do dia, até o fim da semana, até o fim da sentença que parecia não ter fim.

“Não sei”, ele respondeu.

Dr. Hélio não insistiu. Voltou para o quadro. Resolveu a equação sozinho: $x = 2$, $x = 3$.

“Esse é o poder da matemática. Coisas que parecem impossíveis têm resposta. Você só precisa saber a fórmula.”

A aula durou uma hora e meia. Marcos não falou mais nada. Mas algo aconteceu naquela sala.

Quando Dr. Hélio falou sobre “coisas impossíveis”, Marcos pensou em si mesmo. Um homem que matou. Um homem que ninguém visitava. Um homem que dormia ao lado de doze outros homens em oito metros quadrados.

Se $x^2 - 5x + 6 = 0$ tem resposta, talvez... talvez ele também tivesse.

Naquela noite, deitado no colchão fino, ele não pensou no crime. Pensou na equação. Repetiu o cálculo mentalmente. Achou o resultado de novo. E de novo.

Porque se ele podia resolver aquilo, ele ainda pensava. E se ainda pensava, ainda vivia. E se ainda vivia, ainda podia.

Não foi um anjo. Não foi Deus. Foi uma equação.

E mudou tudo.

Na semana seguinte, Marcos voltou para a sala 7. E na outra. E na outra.

Em dois meses, ele era o único dos sete que continuava indo. Jeferson desistiu na terceira aula. Os outros sumiram depois de um mês. Só Marcos permanecia, sentado na cadeira de plástico quebrada, esperando Dr. Hélio.

O velho professor trouxe mais livros. Não livros didáticos comuns — livros contrabandeados dentro de mochilas, passados pela revista com autorização especial do diretor.

“O senhor arrisca muito”, disse Marcos um dia.

“Risco é para quem tem medo de perder. Eu já perdi minha mulher, meus amigos, minha juventude. Perder uns livros não é nada.”

Dr. Hélio ensinou álgebra. Depois trigonometria. Depois geometria analítica. Depois cálculo diferencial. Marcos aprendia rápido. Muito rápido.

“Você tem cabeça boa”, disse o velho. “Já pensou em engenharia?”

“Já pensei em sair daqui.”

“Uma coisa leva à outra.”

Mas estudar na cadeia não era como estudar na escola. Era como roubar.

Os livros tinham que ser escondidos. Dr. Hélio vinha uma vez por semana, mas os agentes revistavam as celas aleatoriamente. Se encontrassem material de estudo sem autorização, era punição. Se encontrassem uma página rasgada de livro, era confisco.

Marcos não tinha ninguém para trazer livros. Não recebia visitas. Não recebia encomendas. Ele precisava trocar.

Assim nasceram as economias: uma tarefa por página. Lavar o chão da cela = cinco páginas. Passar café para os outros presos = duas páginas. Fazer a barba de um preso mais velho = sete páginas.

Ele colecionava páginas. Guardava debaixo do colchão, dentro do travesseiro, entre as frestas da parede. Lia de madrugada, quando todos dormiam, com a luz do corredor que entrava pela grade.

As letras eram pequenas. A luz era fraca. Os olhos ardiam. Ele lia até não aguentar mais. Depois lia mais uma página.

Certa madrugada, um agente fez ronda surpresa. Entrou na cela às 2h da manhã com uma lanterna. Os outros presos não acordaram. Marcos estava sentado, o livro no colo — um livro inteiro, inteiro, que ele conseguira trocar por dez dias de limpeza do refeitório.

O agente pegou o livro. Olhou a capa. Olhou para Marcos.

“Isso é seu?”

“Sim.”

“Sabe que livro é proibido?”

“Sei.”

O agente saiu com o livro. Marcos pensou que nunca mais veria aquelas páginas. Pensou na punição. Pensou na solitária.

No dia seguinte, o diretor chamou.

A sala do diretor era a única no presídio com ar-condicionado. O cheiro era de café bom, não de café de caneca rachada. O diretor, um senhor de cabelos grisalhos chamado Dr. Sérgio, já havia visto de tudo.

“Senta”, disse.

Marcos sentou.

“Isso é seu?” O diretor colocou o livro sobre a mesa.

“Sim.”

“Sabe que estudo só é permitido com autorização?”

“Sei.”

“Por que não pediu autorização?”

“Porque autorização leva seis meses. E eu não tenho seis meses. Tenho vinte e dois anos.”

Dr. Sérgio ficou em silêncio. Abriu o livro. Viu as anotações nas margens. Letra miúda, caprichada, com cálculos feitos à mão.

“Você entende isso?”

Marcos olhou para a página. Cálculo de momento fletor em viga de concreto armado.

“Entendo.”

Dr. Sérgio fechou o livro. Devolveu.

“Continua. Mas não deixa os outros agentes verem. E me avise quando terminar esse. Eu arranjo o próximo.”

Marcos nunca agradeceu tanto na vida. Não com palavras. Com estudo. Estudou como se cada página fosse a última. Como se o conhecimento fosse a chave.

Porque era.

— Cada página era um tijolo. Eu não sabia ainda, mas estava construindo minha saída.

Capítulo 7 — O Inimigo Interno

O ano de 1997 foi o ano das crises.

Não crises de violência no presídio — essas eram diárias. Foram crises dentro da cabeça de Marcos.

A cadeia tem um jeito de entrar na sua mente. Não de repente, com um estrondo. Aos poucos, como água infiltrando numa rachadura.

Os primeiros sintomas vieram como cansaço. Cansaço que não passava com sono. Marcos dormia oito horas e acordava moído. Depois veio a irritabilidade. Qualquer barulho, qualquer palavra, qualquer olhar torto o fazia ferver por dentro.

Depois veio o medo.

Medo de andar no pátio. Medo de tomar banho. Medo de deitar. Medo de acordar. Medo do medo.

A primeira crise de pânico aconteceu numa quarta-feira, 14 de março de 1997, três horas da manhã.

Marcos acordou com o coração saindo do peito. Os batimentos eram rápidos, irregulares, tão fortes que ele podia ver a camisa vibrar. Suor frio escorreu pela testa. As mãos formigaram. A sensação era de que ia morrer. Ali. Naquela hora. Naquela cela fedida.

Ele levantou. Andou até o tanque. Molhou o rosto. O coração não desacelerava. A respiração não voltava.

Nordeste acordou.

"O que foi?"

"Não sei. Não consigo respirar."

"É nervoso. Relaxa. Respira fundo."

Marcos tentou. Não conseguiu. A mente gritava: você vai morrer, você vai morrer, você vai morrer.

A crise durou quarenta minutos. Quarenta minutos de inferno dentro do próprio corpo. Quando passou, Marcos caiu no chão, exausto, molhado, tremendo.

No dia seguinte, ele foi ao enfermeiro.

"É ansiedade", disse o enfermeiro, sem examinar. "Aqui não tem remédio para isso. Respira fundo."

Respirar fundo para quem sente que o ar vai acabar? Não fazia sentido.

As crises continuaram. Uma por semana. Depois duas. Depois três. Marcos começou a evitar o pátio. Evitar o refeitório. Evitar qualquer lugar com muita gente. O medo de ter outra crise paralisava.

A psicóloga voluntária, a mesma do episódio do cadarço, tentou ajudá-lo.

"Você nomeou os outros demônios. Nomeia esse."

"Que demônio?"

"O desespero. Dá um nome para ele. Encarar o que tem nome é mais fácil."

Marcos pensou. No dia seguinte, escreveu no caderno escondido:

"O Senhor do Desespero."

Toda vez que a crise vinha, ele forçava a respiração: quatro segundos puxando, quatro segundos segurando, quatro segundos soltando. Cinquenta vezes.

E enquanto respirava, ele calculava.

Calculava a área de uma circunferência. O volume de um cilindro. A força de compressão de um pilar de concreto. Qualquer coisa. Qualquer número. A matemática era o escudo.

Demorou oito meses para controlar a primeira crise. Oito meses de batalha diária contra a própria mente.

Mas ele venceu.

Não porque era forte. Porque aprendeu que o inimigo interno mente. E quando você descobre a mentira, o poder some.

O Senhor do Desespero não morreu. Ele ainda vive na mente de Marcos. Só que hoje, quando aparece, Marcos abre um sorriso e diz:

"Senta aí. Eu mando aqui."

— O Senhor do Desespero ainda mora aqui. Mas hoje ele é meu funcionário. Eu que mando.

Capítulo 8 — A Primeira Vitória Invisível

O ano 2000 chegou com promessas de novo milênio. Lá fora, o mundo comemorava. Dentro da cadeia, era mais um ano com o mesmo cheiro, as mesmas grades, as mesmas faces.

Mas para Marcos, 2000 foi diferente.

Ele já havia dominado toda a matemática do ensino médio. Dr. Hélio, emocionado, disse que nunca vira um aluno tão dedicado. "Você aprende com fome, Marcos. A maioria aprende com preguiça. É diferente."

No meio do ano, o presídio implementou um programa de pré-vestibular para presos. Uma parceria com uma universidade particular. Cem vagas. Quatro anos de curso. Diploma reconhecido.

Marcos se inscreveu sem pensar duas vezes.

A prova foi numa sala ampla, com mesas separadas, fiscais de fora do sistema prisional. Era a primeira vez em cinco anos que Marcos via uma pessoa sem uniforme de agente. Uma mulher de vestido floral. Ele quase chorou ao ver a flor estampada.

A prova de matemática foi a última. Seis questões. Ele resolveu as cinco primeiras em vinte minutos. A sexta travou.

Calcular o momento de inércia de uma viga de concreto com seção retangular de 20cm x 50cm.

Ele leu a questão três vezes. Depois fechou os olhos.

E aconteceu.

Ele visualizou a viga. Não no papel. Na cabeça. Viu o concreto cinza, rugoso, com pequenas bolhas de ar. Viu a armadura de aço interna, as barras nervuradas. Viu a viga sendo apoiada em dois pilares. Viu o peso sendo distribuído.

Calculou na mente. Feminino. O momento de inércia. A linha neutra. A tensão máxima.

Abriu os olhos. Resolveu em dois minutos.

Quando levantou para entregar a prova, a mulher de vestido floral sorriu. "Boa sorte."

Ele não respondeu. Estava com os olhos marejados.

Não era por causa da questão. Era porque, naquele momento, ele não se sentiu preso. Sentiu-se engenheiro.

No caminho de volta para a cela, Nordeste perguntou: "Foi bem?"

"Não sei."

"Tá chorando?"

"É poeira."

Nordeste sorriu. Não era poeira. Ambos sabiam. Mas na cadeia, a gente chama as coisas por outros nomes para não doer tanto.

Seis semanas depois, o resultado saiu. Marcos passou. Primeiro lugar em matemática. Sétimo lugar geral.

Dr. Hélio pediu para falar com ele no parlatório.

"Você tem talento, Marcos. Não desperdiça. O mundo lá fora não vai te dar nada. Mas você pode tirar tudo dele."

"Como?"

"Cálculo. Um tijolo de cada vez. Uma página por dia. Você já sabe."

— Não vi Deus. Vi uma viga. E ela me salvou.

Capítulo 9 — A Construção da Identidade Nova

O curso de engenharia por correspondência começou em 2001.

Era um projeto piloto. Nenhum preso havia feito faculdade dentro do sistema antes. O diretor, Dr. Sérgio, conseguiu autorização após seis meses de burocracia.

Um computador velho foi instalado numa sala trancada ao lado da administração. Um Pentium III com monitor de tubo. A internet era discada. Demorava cinco minutos para carregar uma página.

Marcos teria direito a quatro horas por dia, três vezes por semana. Nunca na sua vida ele havia sido tão feliz com tão pouco.

As aulas eram gravadas. Ele assistia sozinho, fones de ouvido emprestados, caderno no colo. Fazia anotações frenéticas. Parava o vídeo a cada dois minutos para copiar uma fórmula, um conceito, uma dúvida.

O primeiro trabalho era simples: "Escreva sobre o que é construir."

Marcos passou três dias pensando. Escreveu e reescreveu. No final, entregou:

"Construir é transformar ausência em presença. O vazio em parede. O nada em casa. A espera em chegada. Eu sei disso porque há oito anos construo algo invisível aqui dentro. E ninguém vê. Mas está de pé."

A professora, uma engenheira chamada Dr^a. Lúcia, deu nota 10. E comentou: "Você descreveu sua própria vida. Continue."

Marcos guardou o comentário na pasta de documentos. Lia toda vez que o desânimo batia.

O curso inteiro foram quatro anos e meio. Durante esse tempo, Marcos aprendeu resistência dos materiais, hidráulica, topografia, mecânica dos solos, gestão de obras. Decorou normas técnicas. Sonhava com plantas baixas.

Aos poucos, algo mudou dentro dele.

Quando os outros presos perguntavam "o que você fez?", a resposta mudou. Antes ele dizia "homicídio". Depois começou a dizer "estou fazendo engenharia".

Não era fuga. Era construção. Ele deixava de ser definido pelo crime e passava a ser definido pelo curso.

Nordeste notou.

"Você não é mais o mesmo."

"O que eu era?"

"Um cara esperando. Agora você é um cara indo."

Marcos riu. "Pra onde?"

"Não sei. Mas você está indo. A maioria aqui só espera."

Nos últimos meses do curso, Marcos já se via como engenheiro. Não na prática — nunca tinha pisado num canteiro de obras. Mas na identidade.

Ele era Marcos, futuro engenheiro civil. O crime era passado. A cadeia era presente. A engenharia era futuro.

No dia da formatura simbólica, não houve cerimônia. Não havia como. O diretor chamou-o à sala e entregou o certificado.

"Parabéns, engenheiro", disse Dr. Sérgio. "Foi a primeira vez que vi um diploma ser entregue atrás das grades. Espero que não seja a última."

Marcos segurou o certificado. As mãos tremiam. Pingou uma lágrima no papel. Ele limpou rápido.

"O senhor está chorando?" perguntou o diretor.

"É poeira", mentiu Marcos.

Os dois riram.

— Aos poucos, deixei de ser 'o preso que estuda'. Comecei a ser 'o engenheiro que está preso'.



PARTE 3: A RESSURREIÇÃO

Capítulo 10 — O Portão se Abre

A data ficou gravada na mente de Marcos como um ferro em brasa: 15 de março de 2012.

Ele acordou como em qualquer outro dia. O despertador não tocou — o corpo já sabia o horário. 5h47, como sempre. O colchão fino. O cheiro de desinfetante misturado com suor. O ronco de Nordeste, que ainda dividia a cela com ele, agora como amigo, não como estranho.

O café foi o mesmo: ralo, doce demais, com pó no fundo. O pão duro. A laranja podre que ele comeu mesmo assim porque fruta era fruta.

Mas havia algo diferente no ar. Uma tensão. Os agentes olhavam para ele demais. Sussurravam. Apontavam.

No horário da chamada, o diretor apareceu pessoalmente. Isso já era raro. Dr. Sérgio, agora com os cabelos completamente brancos, segurava uma pasta marrom.

"38472", chamou.

"Presente", respondeu Marcos, pelo reflexo de dezoito anos.

"Seu livramento condicional foi aprovado. Você vai embora hoje."

O silêncio foi absoluto. Duzentos homens na galeria pararam de respirar. Alguém deixou cair uma colher no chão. O barulho ecoou como um sino.

"Hoje?" repetiu Marcos, bestificado.

"Hoje. Daqui a duas horas. Vá se preparar."

Ele não sabia como se preparar. Preparar para o quê? Para o mundo? Para o sol? Para as pessoas? Para o cheiro de rua? Para o barulho de carro? Para a liberdade?

Nordeste aproximou-se. Abraçou-o. Primeiro abraço que Marcos recebia em dezoito anos que não era de revista íntima.

"Vai, cara. Voa. Não olha para trás."

"Vou sentir sua falta."

"Não vai. Você vai sentir falta da comida ruim e do colchão duro. De mim você lembra uma vez por ano. É o suficiente."

Marcos riu. Chorou. Fez as duas coisas ao mesmo tempo.

Os outros presos se aproximaram. Alguém apertou sua mão. Outro bateu no ombro. Um terceiro, que ele mal conhecia, ofereceu um cigarro. Marcos não fumava. Aceitou mesmo assim.

A revista de saída foi tão invasiva quanto a de entrada. Nu, de cócoras, tossindo. Dessa vez, porém, ele não sentiu vergonha. Sentiu alívio. Era a última vez. A última vez que alguém o trataria como número.

Vestiu as roupas que entrou — uma calça jeans surrada, camisa preta, tênis velho. As roupas cheiravam a mofo. Dezoito anos num saco plástico. Ele vestiu como se fossem roupas de gala.

O agente abriu o primeiro portão. Depois o segundo. Depois o terceiro.

Cada portão rangia de um jeito diferente. Marcos prestou atenção em cada som. Queria gravar na memória. Queria nunca mais esquecer a diferença entre o som de uma grade fechando e o som de uma grade abrindo.

O último portão era o maior. Duas folhas de ferro pintado de cinza. Buracos de bala antigos. Ferrugem nas dobradiças.

O agente girou a chave. Empurrou.

A luz entrou.

Não era uma luz especial. Era a luz comum de uma manhã de outono. Cinzenta, úmida, com cheiro de chuva que ia cair. Mas para Marcos, aquela luz era cega de tão brilhante.

Ele deu três passos. Parou.

Olhou para a esquerda. Olhou para a direita.

Ninguém.

O estacionamento vazio. O ponto de ônibus vazio. A calçada vazia. O mundo inteiro parecia vazio.

Ele esperou 30 segundos. Talvez alguém estivesse atrasado. Talvez a mãe tivesse mudado de ideia. Talvez Carla — não, Carla tinha ido embora da vida dele fazia 17 anos. Talvez algum amigo. Talvez Dr. Hélio. Talvez Nordeste, se tivesse saído antes.

Ninguém.

O vento soprou. Uma folha seca passou roçando o chão. Um carro passou na rua. Dentro do carro, uma mulher cantava. Não olhou para ele.

Marcos respirou fundo. Sentiu o ar puro — ar sem cheiro de desinfetante, sem cheiro de mijo, sem cheiro de 200 homens dormindo na mesma galeria.

Deu mais um passo. E outro. E outro.

Não olhou para trás. Aprendera nos dezoito anos: olhar para trás é perder o equilíbrio. Só se anda para frente quando os olhos estão à frente.

Ele não sabia para onde ia. Não sabia onde dormiria naquela noite. Não sabia como pagaria a passagem de ônibus.

Sabia apenas uma coisa: estava livre. E isso bastava.

No bolso da calça jeans, R\$ 87,00. O dinheiro que guardou do trabalho na prisão. Dezoito anos de trabalho. Oitenta e sete reais.

Ele sorriu. Chorou. Andou.

— Dezoito anos esperando este dia. E ninguém veio. Mas eu vim. E isso bastava.

Capítulo 11 — Os Primeiros 30 Dias (e o Preço do Tijolo)

A rodoviária era um mundo novo demais para Marcos.

Ele não via um lugar com tantas pessoas desde o tribunal, dezoito anos antes. As cores doíam nos olhos — outdoors com letras gigantes, placas de fast-food, propagandas de refrigerante, celulares. Principalmente os

celulares. Todo mundo falando sozinho, mas não era sozinho — era no aparelho.

Ele caminhou sem rumo por vinte minutos. Comprou um salgado na lanchonete. Misto quente. O primeiro alimento comprado com dinheiro livre em dezoito anos. Ele comeu em três mordidas. Queria guardar o sabor.

Onde dormir? Não sabia. Não tinha parentes próximos. A mãe sumiu havia dezessete anos. O pai nunca conheceu. Os primos, distantes. Amigos, nenhum.

A primeira noite foi num banco de metal da rodoviária. Ele sentou, a pasta de documentos no colo — a pasta continha o diploma, os certificados, os cadernos de anotações — e pediu para Deus, se existisse, que ninguém roubasse aquela pasta.

Não dormiu. Ficou de olhos abertos observando cada pessoa que passava. Um segurança aproximou-se.

"O senhor está esperando ônibus?"

"Sim."

"Qual?"

"O primeiro."

O segurança achou estranho, mas não insistiu. Marcos ficou ali até as 5h da manhã. O sol nasceu. Ele estava livre há 24 horas.

A segunda noite foi pior. Ele descobriu um abrigo municipal para moradores de rua. Uma fila de 30 homens esperando. Ele entrou. A cama era um colchão surrado numa fila de 120 camas. Ronco, fedor, gente falando sozinha, tossindo, rezando. Marcos achou parecido com a cadeia. Isso o confortou — e ao mesmo tempo o apavorou.

No terceiro dia, ele decidiu: não voltaria para o abrigo. Não porque fosse ruim. Porque era parecido demais com a cela. E ele não saiu da prisão para trocar uma grade por outra.

Trabalho. Precisava de trabalho.

Passou três dias andando por obras na periferia. De porta em porta. Capacete na mão. "Preciso de trabalho. Sou engenheiro."

Cada vez que dizia "engenheiro", os mestres de obra riam. "Engenheiro? Com essa cara de fome? Vai carpir um lote, amigo."

No quarto dia, uma obra aceitou. Não como engenheiro. Como servente. Carregar tijolo, areia, cimento. 12 horas por dia. R\$ 35,00 por dia.

O mestre de obras chamava-se Seu João. Barba grisalha, braços grossos, olhos desconfiados.

"Nunca trabalhou em obra?"

"Trabalhei. Dezoito anos atrás."

"Tem carteira assinada?"

"Não."

"Tem histórico?"

Marcos hesitou. Mentir? Omir? Ele escolheu a verdade.

"Fui preso. 18 anos. Homicídio."

Seu João olhou nos olhos dele. Calou. Depois disse: "Todo mundo merece segunda chance. Pega a carriola e começa a carregar."

Naquela tarde, Marcos carregou tijolos. O sol das duas horas. O peso de quatro tijolos por vez. As mãos calejando de novo. Doía. Mas era uma dor boa. Uma dor que construía, não que destruía.

No primeiro dia, ele carregou 400 tijolos. Saiu às 18h, moído, as costas gritando, os ombros vermelhos.

Recebeu R\$ 35,00.

Guardou 30. Comprou um pão com ovo com os 5. Comeu sentado no meio-fio.

Saldo após 4 dias de liberdade: R87,00 de partida + R 100,00 de trabalho = R\$ 187,00.

Menos comida, menos condução. Sobrava R\$ 112,00.

Ele sorriu. Nunca foi tão rico na vida.

— Meu primeiro salário como homem livre: R\$ 35,00 por dia. Nunca fui tão feliz.

Capítulo 12 — O Diploma (dois anos depois)

Assim foram os primeiros 730 dias. Dois anos carregando tijolo, guardando dinheiro, dormindo em albergue. E estudando toda noite. Porque o diploma não ia se buscar sozinho.

Dois anos depois de sair da prisão, Marcos ainda carregava tijolos durante o dia e estudava normas técnicas à noite, num albergue barato que alugou com o suor de 24 meses de trabalho.

Ele nunca esqueceu o diploma. Estava na pasta, dentro do armário trancado, emoldurado por uma moldura de plástico comprada por R\$12,00.

Certa noite, depois de uma carreira exaustiva de 12 horas no sol, ele abriu a pasta. Leu o diploma. Leu o comentário da Dr^a. Lúcia: "Você descreveu sua própria vida. Continue."

No início de 2014, depois de dois anos carregando tijolos, ele decidiu: ia se inscrever numa faculdade presencial, fazer validação de matérias completas, e se tornar engenheiro de verdade. Não engenheiro de papel. Engenheiro de obra.

A faculdade ficava na zona leste. Uma universidade particular pequena, com dois prédios, um bandeirão minúsculo e cheiro de livro velho. Marcos se inscreveu, apresentou os certificados, as notas, o diploma por correspondência.

A coordenadora, uma mulher de meia-idade chamada Eliana, olhou para os documentos com desconfiança.

"Tudo isso foi feito na cadeia?"

"Sim."

"Com computador discado?"

"Sim."

"Com aulas gravadas?"

"Sim."

Eliana suspirou. "Não sei se vamos aceitar. Há um preconceito... institucional."

"Comigo ou com a cadeia?"

"Com os dois."

Marcos guardou os documentos. Agradeceu. Saiu.

No corredor, uma porta se abriu. Uma mulher mais velha saiu. Olhou para ele.

"O senhor é o aluno que estudou na prisão?"

Ele hesitou. "Sim."

"Entre."

Era a Dr^a. Lúcia. A mesma professora que deu nota 10 no primeiro trabalho de "Introdução à Engenharia". Ela o reconheceu pela pasta — e pela expressão nos olhos.

"Você não mudou. Continua com fome."

"De conhecimento?"

"De vida. O que é mais importante."

Dr^a. Lúcia brigou pela aceitação de Marcos na faculdade. Levou o caso à reitoria. Mostrou as notas, os comentários, os trabalhos. Citou o primeiro ensaio dele — "Construir é transformar ausência em presença" — e disse: "Esse homem escreveu isso dentro de uma cela. Se isso não merece respeito, eu não sei o que merece."

A reitoria aprovou. Por unanimidade.

Marcos entrou no curso no segundo semestre de 2014. Ele já tinha 42 anos. A média da turma era 22. Os alunos olhavam para ele como se fosse um avô perdido na sala errada.

Ele não ligou. Sentava na primeira fila. Respondia todas as perguntas. Tirava as melhores notas. Chorava escondido na biblioteca quando ninguém via.

Um dia, um garoto de 20 anos sentou ao seu lado.

"Por que o senhor está aqui?"

"Para ser engenheiro."

"O senhor já parece engenheiro."

"Engenheiro não se parece. Engenheiro constrói. Ainda não construí nada."

O garoto — Pedro, seu nome — tornou-se seu amigo. O único amigo que ele fez na faculdade.

A formatura foi em 12 de dezembro de 2014.

Marcos não convidou ninguém. Não havia ninguém para convidar. A mãe continuava sumida. Os primos, distantes. Nordeste ainda preso. Dr. Hélio havia falecido dois anos antes — soube pela carta de um familiar.

Ele alugou um terno. Comprou uma rosa. Vestiu-se no albergue, olhou no espelho rachado e disse: "Você conseguiu."

No auditório, centenas de famílias aplaudiam. Ele subiu ao palco sozinho. Recebeu o canudo. O reitor disse: "Parabéns, engenheiro Marcos da Silva."

Marcos desceu. Não sentou. Ficou em pé no fundo do auditório. A mão segurava o canudo. A outra segurava a rosa.

Uma mulher ao lado perguntou: "Cadê sua família?"

"Estão aqui", ele respondeu. Apontou para o peito. "Todos aqui."

— Meu diploma não veio com abraços. Veio com um lenço e uma mão estendida. Isso bastou.

Capítulo 13 — O Primeiro Contrato

Depois da formatura, Marcos passou três meses desempregado.

Engenheiro com diploma, 51 anos, histórico criminal. O currículo era bom. As notas eram excelentes. Mas na hora da entrevista, quando a pergunta vinha — "O que o senhor fez entre 1995 e 2012?" — ele respondia a verdade.

"Estive preso."

E o silêncio vinha. Depois um "vamos analisar seu currículo e daremos retorno". O retorno nunca vinha.

Até que Renato apareceu.

Renato era o homem do lenço. O mesmo que sentou ao lado de Marcos no fundo do auditório na formatura e lhe ofereceu um lenço quando ele chorava sozinho.

Renato era engenheiro civil também. Dono de uma construtora média. Havia lido a história de Marcos no jornal da universidade.

"Preciso de um engenheiro júnior. O salário não é bom. O trabalho é pesado. E você vai ouvir piadinhas de ex-presidiário. Aceita?"

"Quando começo?"

"Amanhã. 7h da manhã. Não atrase."

Marcos não atrasou nenhum dia nos três anos seguintes.

Renato ensinou Marcos na prática o que os livros não ensinam: negociar com fornecedor, lidar com fiscal da prefeitura, gerenciar equipe braçal, calcular orçamento com margem de erro zero.

Marcos aprendeu rápido. Mais do que rápido — aprendeu como quem tem fome. Ele queria cada conhecimento, cada macete, cada segredo da profissão.

Numa obra de um prédio comercial de 6 andares, Marcos percebeu um erro de cálculo na armadura do pilar central. Alertou Renato. Renato duvidou. Marcos refez o cálculo na frente dele. Mostrou a norma técnica. Mostrou a fórmula. Mostrou a conta.

Renato olhou. Calou. Depois disse: "Você não é júnior. Você é pleno. Eu que sou burro de não ter visto."

Promoveu Marcos no dia seguinte. Aumento de salário. Mais responsabilidade.

Mas Marcos queria mais. Não por ganância. Por necessidade. Aos 54 anos, ele ainda dormia num albergue. Ainda tomava café em copo de plástico. Ainda não tinha onde cair morto.

Em 2017, ele pediu demissão.

Renato estranhou. "Vai para onde?"

"Vou abrir minha construtora."

"Com que dinheiro?"

"Com o que juntei. E com o senhor como avalista."

Renato riu. Achou loucura. Mas assinou os papéis.

O banco aprovou R\$ 50 mil de empréstimo. O gerente hesitou quando viu a ficha criminal — mas Renato era fiador respeitado.

A construtora chamava-se **RM Construções**. RM de Renascido Marcos. Ou Renato e Marcos. Os dois sentidos serviam.

O primeiro contrato foi uma reforma de R\$ 80 mil numa casa de classe média. A proprietária, uma senhora de cabelos brancos chamada Dona Mercedes, desconfiou da idade de Marcos e do histórico.

"O senhor já foi preso mesmo?"

"Já."

"Por quê?"

"Homicídio."

Dona Mercedes ficou em silêncio. Depois disse: "Minha neta foi morta por um homem que nunca pagou. O senhor pagou?"

"Paguei."

"Então a casa está em boas mãos."

Marcos fez a obra em 45 dias. Dormiu no canteiro três noites para vigiar o concreto secar. Comprou material com o dinheiro contado. Não desperdiçou um parafuso sequer.

Quando a obra ficou pronta, Dona Mercedes entregou um cheque e um abraço.

"O senhor é um bom homem, Marcos."

"Estou tentando ser."

— O primeiro cheque que assinei como engenheiro... minhas mãos tremiam. Elas já mataram um homem. Agora construíam uma casa.

Capítulo 14 — O Erro e a Quase Falência

A construtora cresceu devagar. Em 2019, dois anos depois de aberta, a RM Construções já havia feito 12 reformas e 3 obras pequenas. O faturamento anual beirava R\$ 400 mil. Nada espetacular. Mas honesto.

O erro veio na forma de um contrato grande demais.

Uma escola particular do bairro Jardins queria uma ampliação: novos banheiros, uma sala de informática e uma quadra coberta. O orçamento inicial era de R\$ 500 mil.

Marcos fez as contas. Calculou material, mão de obra, impostos, imprevistos. Subiu para R\$ 580 mil.

O diretor da escola, um homem de terno caro e sorriso fácil, apertou sua mão. "Fechado."

Marcos comemorou sozinho. Era o maior contrato da vida dele.

A obra começou em março. O problema apareceu em junho: o preço do aço disparou. 30% de aumento em dois meses. O cimento também. A areia também. Tudo subiu.

Marcos refez as contas. Suou frio. O orçamento de R\$ 580 mil agora custaria R\$ 720 mil para executar. A diferença: R\$ 140 mil que ele não tinha.

Ele tentou renegociar com o diretor da escola. Não conseguiu.

"Contrato é contrato", disse o homem, o sorriso agora congelado. "Você assumiu o risco."

O risco. Ele assumiu. Sozinho.

Nos meses seguintes, Marcos viu a empresa sangrar. Pagou salários com o próprio dinheiro. Atrasou fornecedores. Usou o cheque especial. Pegou empréstimo pessoal.

Em setembro, a empresa estava tecnicamente falida.

Marcos não dormia. Emagreceu 8 quilos em três semanas. Os olhos fundaram. As mãos tremiam. Era o Senhor do Desespero de volta — só que

agora não era uma crise de pânico dentro de uma cela. Era um colapso financeiro dentro de um escritório alugado.

Numa noite, ele pegou o cadarço.

Não o mesmo cadarço de 1997. Um novo. Mas simbolizava a mesma coisa.

Ele olhou para ele. Colocou na mesa. Olhou de novo.

"Você já tentou uma vez. Não vai tentar de novo."

No dia seguinte, Marcos foi ao banco. Pediu renegociação da dívida. Chorou na frente do gerente. Pediu prazo.

O gerente, um homem jovem que admirava a história de Marcos, aprovou a renegociação. Não por pena — porque viu um homem que não desistia.

Marcos foi aos fornecedores. Pediu desconto em troca de contratos futuros. Três aceitaram. Dois recusaram. Ele pagou os dois com o dinheiro do próprio bolso.

Foi ao diretor da escola. Ofereceu juros sobre o próprio salário para terminar a obra. O diretor aceitou.

A obra atrasou quatro meses. Mas foi entregue. Medíocre? Não. Bem feita. Perfeita, dentro do possível. Só atrasada e mais cara.

Marcos perdeu dinheiro. Saiu da obra com uma dívida de R\$ 43 mil.

Mas não perdeu a empresa. Não perdeu a reputação. Não perdeu a palavra.

"Falência não é perder dinheiro. Falência é perder a confiança. Eu mantive a minha."

— A cadeia me ensinou a resistir. A obra quase falida me ensinou a negociar.

Capítulo 15 — A Virada

2021 foi o ano da redenção.

A pandemia atrasou obras, mas não parou a construção civil. Marcos aproveitou o tempo para reestruturar a empresa. Cortou custos. Aprendeu a fazer orçamento com margem de segurança de 30%. Contratou um gerente financeiro — "a primeira contratação inteligente da minha vida", diria depois.

O grande contrato veio por acaso.

Uma empresa de logística precisava de um galpão de 5 mil metros quadrados em 6 meses. Três construtoras grandes disseram que era impossível no prazo. Uma quarta cobrou R\$ 4,5 milhões. A quinta não respondeu.

Marcos estudou o projeto. Dormiu em cima da planta. Sonhou com números. Acordou às 4h da manhã para recalcular.

Apresentou a proposta: prazo de 5 meses e meio. Preço: R\$ 2,8 milhões.

O diretor da empresa, um homem chamado Dr. Almeida, olhou para os números. Depois olhou para Marcos.

"Por que tão barato?"

"Porque eu trabalho com equipe enxuta, durmo em canteiro de obra quando preciso, e não tenho escritório de vidro com vista para a avenida."

Dr. Almeida riu.

"Tem histórico criminal, não tem?"

"Tenho."

"O que fez?"

"Homicídio. Já paguei. Já estudei. Já construí."

Dr. Almeida pediu 5 minutos sozinho. Olhou pela janela. Voltou.

"O contrato é seu. Não me decepcione."

O galpão ficou pronto em 5 meses e 10 dias. A qualidade foi elogiada pela engenheira fiscalizadora. O prazo foi cumprido. O lucro foi de R\$ 420 mil.

Marcos pagou a dívida de R\$ 43 mil

Sobrou dinheiro.

Pela primeira vez na vida, sobrou dinheiro.

Ele foi até o bar da esquina. Pediu uma cerveja e uma água. Bebeu a cerveja devagar. A água, também.

No bolso, o celular. Ninguém para ligar. Ele guardou o celular.

"Você liga para si mesmo agora", pensou.

E brindou sozinho. Com a água.

— Ganhei 2,8 milhões. Comemorei com uma água de 2 reais. Sozinho. Foi a melhor festa da minha vida.



PARTE 4: O QUE ELE CONSTRUIU

Capítulo 16 — Ela

O ano era 2022. Marcos tinha 50 anos. A empresa estava consolidada. O nome RM Construções já era respeitado nos bairros onde atuava. Ele ainda morava de aluguel, mas não mais num albergue — um apartamento de dois quartos num bairro simples, com uma varanda pequena onde ele plantava manjeriço e tomava café ao nascer do sol.

Faltava uma coisa.

Ele não sabia o nome daquela falta. Não era solidão — ele já estava acostumado com a solidão, ela era uma companheira velha, conhecida, quase confortável. Era outra coisa. Era a sensação de que a vida estava incompleta. Como uma casa sem telhado.

Andréia apareceu numa terça-feira, 14 de junho.

Ela era arquiteta. Cabelos castanhos presos num coque meio bagunçado, olhos verdes que enxergavam além do que olhavam, mãos pequenas que gesticulavam enquanto falava. Tinha 38 anos. Era divorciada. Não tinha filhos. Tinha um gato chamado Tijolo.

Ela entrou na construtora para um projeto de paisagismo. Uma cliente rica queria um jardim vertical na parede da sala. Marcos atendeu a reunião porque o arquiteto que ele terceirizava estava doente.

“Você é o engenheiro?” ela perguntou.

“Sou.”

“Esperava alguém mais velho.”

“Tenho 50. É velho o suficiente.”

Ela riu. Um riso gostoso, que preenchia o escritório pequeno.

Mostrou o projeto. Marcos fez perguntas. Ela respondeu com segurança. Ele perguntou mais. Ela respondeu melhor. No final, ele aprovou o orçamento e o conceito.

Na saída, ela virou:

“O senhor é casado?”

“Senhor?” ele riu. “Pode me chamar de Marcos.”

“Marcos. É casado?”

Olhou nos olhos dela. Há quanto tempo ele não olhava nos olhos de uma mulher? Quinze anos? Vinte? As últimas visitas íntimas na cadeia não contavam — eram apressadas, mecânicas, sem alma.

“Não. Nunca casei.”

“Por quê?”

Ele hesitou. O segredo pesava. Mas a verdade pesava mais.

“Passei muitos anos... ocupado.”

“Ocupado com o quê?”

Ele respirou. O coração acelerou. O Senhor do Desespero tentou aparecer. Ele o empurrou de volta.

“Eu fui preso. Dezoito anos. Homicídio.”

O silêncio instalou-se no escritório. O barulho do ar-condicionado de repente pareceu ensurdecedor.

Andréia não desviou o olhar. Ela o encarou por cinco segundos. Depois perguntou:

“Você é a mesma pessoa que matou?”

“Não.”

“Então tá. O que você quer comer no nosso primeiro encontro?”

Marcos achou que tinha ouvido errado.

“Você não tem medo de mim?”

“Medo eu tenho de altura. Você não é altura.”

Ele quis chorar. Não chorou. Disse:

“Massas. Eu gosto de massas.”

“Massas é comigo. Sexta-feira, 20h, Restaurante Luigi. Não se atrase.”

Ela saiu. O cheiro do perfume dela ficou no escritório por horas. Marcos não trabalhou direito naquela tarde. Ficou olhando para a porta, para o lugar onde ela esteve.

Na sexta-feira, ele chegou 40 minutos mais cedo. Sentou na calçada em frente ao restaurante. De terno — o mesmo terno da formatura, agora ajustado. Uma rosa na mão.

Andréia chegou atrasada — 15 minutos. Ele não reclamou.

“Desculpa o atraso. O Tijolo escapou.”

“Quem é Tijolo?”

“Meu gato.”

“Você tem um gato chamado Tijolo?”

“Engenheiro não pode ter gato com nome de material de construção?”

Ele riu. Ela riu. O jantar durou quatro horas.

Marcos contou tudo. Não escondeu nada. O crime, o julgamento, os primeiros dias na cadeia, o cadarço, a mãe que sumiu, a Carla que casou com outro, os 18 anos de estudo, o portão abrindo para ninguém, o albergue, o diploma, Renato, a quase falência, a virada.

Andréia ouviu em silêncio. Só interrompeu para pedir mais vinho.

No final, ela disse:

“Você passou fome.”

“Passei.”

“Frio.”

“Passei.”

“Solidão.”

“Essa eu ainda passo. Mas estou aprendendo.”

Andréia pegou na mão dele. A mão que matou. A mão que construiu escolas.

“Ninguém devia passar por isso sozinho.”

“Passei.”

“Não vai passar mais.”

Na saída do restaurante, Marcos a acompanhou até o apartamento dela. Caminharam em silêncio por três quarteirões. A lua estava quase cheia.

Na porta do apartamento, Andréia segurou a maçaneta, mas não entrou.

“Marcos... eu preciso te dizer uma coisa.”

“Fala.”

“Meu ex-marido não me batia. Não me traía. Ele só... sumia. Ficava dias sem falar comigo. Sem motivo. Eu ficava esperando. Isso doía mais do que tapa. Por isso, quando você disse que passou 18 anos sem ninguém esperando do lado de fora... eu entendi a solidão. Só não entendi uma coisa.”

“O quê?”

“Como você não enlouqueceu?”

Marcos pensou. “Estudei. E tive um amigo chamado Nordeste.”

Ela encostou a testa no ombro dele.

“Eu não sei se consigo namorar um ex-presidiário. Não por preconceito. Por medo. De você sumir de novo — mesmo que não seja para a cadeia. Sumir dentro de casa.”

“Não vou sumir.”

“Como sabe?”

“Porque já me perdi. Levei 30 anos para me encontrar. Não vou me perder outra vez.”

Ela se afastou, abriu a porta, sorriu cansada.

“Vamos devagar, então. Muito devagar.”

No terceiro encontro, uma semana depois, sentaram num café perto do escritório dela. Andréia mexeu no açúcar por um longo tempo antes de perguntar:

“Você já perdeu a cabeça? Desde que saiu, quero dizer. Já bateu em alguém? Já quis?”

Marcos não mentiu. “Já. Uma vez, num engarrafamento. Um cara buzinou sem parar. Meu peito apertou. Minha mão foi para a porta. Eu queria descer. Queria... não sei o quê. Mas respirei. Contei até 30. E fui embora.”

“Isso foi quando?”

“Ano passado.”

Ela ficou em silêncio. Olhou para a xícara. Depois levantou os olhos.

“Obrigada pela honestidade. Isso me dá mais medo e mais confiança ao mesmo tempo. Estranho, né?”

“Não. É humano.”

No quinto encontro, ela mesma trouxe o assunto.

“Já pensei no que você disse. Sobre não se perder de novo. Acho que acredito. Mas preciso te perguntar mais uma coisa. Coisa feia.”

“Pode perguntar.”

“Se a gente brigar feio. Se eu gritar com você. Se eu disser algo que machuque. Você vai... lembrar do que fez? Vai ter vontade de fazer de novo?”

Marcos segurou a mão dela.

“Andréia, eu não mato uma mosca há 30 anos. Não porque não sinto raiva. Sinto. Mas aprendi que a raiva passa. O que não passa é o peso de uma vida tirada. Eu não quero mais esse peso. Nunca mais.”

Ela apertou a mão dele.

“Então tá. Vamos tentar.”

O casamento foi em maio de 2023. Uma cerimônia pequena, no quintal da casa que Marcos comprou — a primeira casa própria da vida dele, aos 51 anos. Quinze convidados. Funcionários da empresa, dois fornecedores que viraram amigos, Dr. Sérgio, o ex-diretor do presídio, que veio de ônibus e chorou na primeira fila.

Renato foi o padrinho.

Nordeste não pôde vir. Ainda estava preso. Mas mandou uma carta.

“Compadre,

Quem diria. O cara que quase se enforcou no meu lado vai casar. Não posso ir, mas tô brindando daqui. Com água. Porque não pode álcool na cadeia.

Felicidade.

Nordeste.”

Marcos guardou a carta no bolso do paletó. Leu três vezes durante a festa.

Um ano depois, em agosto de 2024, nasceu Miguel.

Marcos segurou o filho no colo na maternidade. O bebê tinha olhos puxados, cabelo preto e uma expressão séria, como se já soubesse de tudo.

“Oi, Miguel”, ele disse. A voz saiu engasgada. “Eu sou seu pai.”

O bebê abriu os olhos. Olhou para ele. E sorriu. Um sorriso banguela, gomoso, inconfundível.

Marcos desabou.

Chorou na frente da enfermeira, da esposa, do pediatra. Não se importou. Ele tinha esperado 30 anos para ouvir alguém chamá-lo de pai. E finalmente aconteceu.

Naquela noite, no hospital, com o bebê dormindo no berço de vidro, Marcos fez uma promessa em silêncio:

“Miguel, você nunca vai saber o que é um pai ausente. Você nunca vai visitar ninguém na cadeia. Você nunca vai ter vergonha do meu nome.”

Andréia acordou no meio da madrugada. Viu Marcos sentado na poltrona, olhando para o berço.

“Você não dorme?”

“Mais tarde.”

“O que está fazendo?”

“Construindo. Mais uma obra.”

Em janeiro de 2026, nasceu Luna. Uma menina. Cabelo cacheado, olhos da mãe, o dedinho do pé mais bonito que Marcos já tinha visto.

Dessa vez ele não chorou. Chorou depois, no carro, a caminho de casa, quando achou que ninguém estava vendo. Andréia viu. Não disse nada. Apenas segurou na mão dele.

Hoje, toda noite antes de dormir, Marcos visita o quarto das crianças. Olha para os dois. Miguel, que já fala “papá” e gosta de carrinhos. Luna, que mama e dorme e se parece com um anjo de macacão listrado.

E agradece.

Não agradece a Deus — ele ainda não resolveu essa questão. Agradece à vida. Agradece a si mesmo. Agradece a cada escolha, por menor que fosse, que o impediu de desistir.

— Ela não perguntou o que eu fiz. Ela perguntou o que eu queria comer. Casei no ano seguinte.

Capítulo 17 — Os Filhos

O casamento foi em maio de 2023. Uma cerimônia pequena, no quintal da casa que Marcos comprou — a primeira casa própria da vida dele, aos 51 anos. Quinze convidados. Funcionários da empresa, dois fornecedores que viraram amigos, Dr. Sérgio, o ex-diretor do presídio, que veio de ônibus e chorou na primeira fila.

Renato foi o padrinho.

Nordeste não pôde vir. Ainda estava preso. Mas mandou uma carta.

"Compadre,

Quem diria. O cara que quase se enforcou no meu lado vai casar. Não posso ir, mas tô brindando daqui. Com água. Porque não pode álcool na cadeia.

Felicidade.

Nordeste."

Marcos guardou a carta no bolso do paletó. Leu três vezes durante a festa.

Um ano depois, em agosto de 2024, nasceu Miguel.

Marcos segurou o filho no colo na maternidade. O bebê tinha olhos puxados, cabelo preto e uma expressão séria, como se já soubesse de tudo.

"Oi, Miguel", ele disse. A voz saiu engasgada. "Eu sou seu pai."

O bebê abriu os olhos. Olhou para ele. E sorriu. Um sorriso banguela, gomoso, inconfundível.

Marcos desabou.

Chorou na frente da enfermeira, da esposa, do pediatra. Não se importou. Ele tinha esperado 30 anos para ouvir alguém chamá-lo de pai. E finalmente aconteceu.

Naquela noite, no hospital, com o bebê dormindo no berço de vidro, Marcos fez uma promessa em silêncio:

"Miguel, você nunca vai saber o que é um pai ausente. Você nunca vai visitar ninguém na cadeia. Você nunca vai ter vergonha do meu nome."

Andréia acordou no meio da madrugada. Viu Marcos sentado na poltrona, olhando para o berço.

"Você não dorme?"

"Mais tarde."

"O que está fazendo?"

"Construindo. Mais uma obra."

Em janeiro de 2026, nasceu Luna. Uma menina. Cabelo cacheado, olhos da mãe, o dedinho do pé mais bonito que Marcos já tinha visto.

Dessa vez ele não chorou. Chorou depois, no carro, a caminho de casa, quando achou que ninguém estava vendo. Andréia viu. Não disse nada. Apenas segurou na mão dele.

Hoje, toda noite antes de dormir, Marcos visita o quarto das crianças. Olha para os dois. Miguel, que já fala "papá" e gosta de carrinhos. Luna, que mama e dorme e se parece com um anjo de macacão listrado.

E agradece.

Não agradece a Deus — ele ainda não resolveu essa questão. Agradece à vida. Agradece a si mesmo. Agradece a cada escolha, por menor que fosse, que o impediu de desistir.

— Miguel tem 2 anos. Luna tem 3 meses. Eles nunca vão saber que o pai dormiu no chão de uma cela. Só vão saber que o pai construiu o mundo deles.

Capítulo 18 — A Empresa

Hoje, a RM Construções tem 120 funcionários.

O faturamento anual ultrapassa R\$ 18 milhões.

A empresa já construiu: 4 escolas, 1 posto de saúde, 47 casas populares, 1 centro comunitário, 12 prédios comerciais pequenos, 2 creches municipais, e um viaduto na região metropolitana.

O viaduto foi inaugurado em 2025. Placa de bronze na lateral: "RM Construções — Eng. Marcos da Silva — 2025"

No dia da inauguração, Marcos levou Miguel no colo. O menino apontou para o viaduto e disse: "Papá!"

"É do papá, filho. Do papá e de 120 pessoas que trabalharam muito."

Mas o que Marcos mais orgulha na empresa não são os números. São as histórias que ele ajudou a reescrever.

Cinco homens que saíram da prisão trabalham hoje na RM Construções.

Um deles chama-se Reginaldo. 44 anos. Foi preso por tráfico aos 19. Passou 20 anos no sistema. Saiu em 2023. Não tinha onde morar. Não tinha família. Não tinha nada.

Marcos o contratou como servente. Reginaldo chorou na entrevista.

"Por que o senhor está me dando chance?", perguntou.

"Porque ninguém me deu chance. E eu sobrevivi. Imagina se tivessem dado?"

Reginaldo hoje é encarregado de obras. Tem sua própria ferramenta. Mora num conjugado alugado. Está estudando para técnico em edificações.

Outro chama-se Alex. 29 anos. Foi preso aos 17 por latrocínio. Passou 10 anos. Saiu em 2022.

Marcos o contratou como auxiliar de limpeza. Alex limpava o canteiro com raiva, como se cada cisco fosse inimigo.

"Por que o senhor não me pergunta o que eu fiz?", indagou Alex no primeiro mês.

"Porque o que você fez não me interessa. Me interessa o que você vai fazer."

Alex hoje é pedreiro. Um dos melhores da equipe. Ninguém sabe do passado dele. Ninguém precisa saber.

Marcos tem uma regra na empresa: nunca pergunte o crime de um ex-presidiário contratado. Se ele quiser contar, conta. Se não quiser, não importa. O trabalho importa. O presente importa. O futuro importa.

Uma vez, um fiscal da prefeitura descobriu que Marcos contratava ex-detentos. Foi à obra. Queria criar caso.

"O senhor sabe que isso pode manchar a reputação da empresa?"

Marcos olhou nos olhos do fiscal.

"Minha reputação foi manchada há 30 anos. Eu mesmo manchei. Desde então, venho limpando. Contratar quem precisa de segunda chance não suja nada. Suja é deixar apodrecer na marginalidade."

O fiscal não respondeu. Saiu. Nunca mais voltou.

— Minha maior obra não é de concreto. São os homens que eu ajudei a não desistir.

Capítulo 19 — O Reencontro com o Passado

Em 2024, no trigésimo aniversário da morte de Roberto, a família da vítima procurou Marcos.

Não foi por acaso. Foi por uma carta.

Uma psicóloga do tribunal de execução penal sugeriu o encontro como parte de um programa de justiça restaurativa. A viúva de Roberto, dona Lourdes, agora com 67 anos, aceitou.

Os filhos também queriam ir. O mais velho, Roberto Filho, hoje com 38 anos, era engenheiro civil também.

O encontro foi marcado para uma quarta-feira, 10h da manhã, numa praça pública no centro da cidade. Um lugar neutro. Árvores. Bancos.

Crianças brincando. Marcos sugeriu a praça porque, segundo ele, nem tudo precisa acontecer dentro de salas fechadas.

Dona Lourdes chegou primeiro. Vestia um vestido preto. O mesmo vestido que usou no velório? Talvez. Marcos jamais saberia.

Marcos chegou com Andréia. Segurava uma carta. Suava nas mãos.

A família sentou num banco. Marcos sentou no banco em frente.

Silêncio.

Um minuto. Dois. Cinco.

O passado pesava como concreto fresco endurecendo.

Dona Lourdes falou primeiro.

“O senhor não parece um assassino.”

“Não sou mais.”

“O que o senhor é?”

“Um homem que errou. Pagou. E está tentando acertar.”

Roberto Filho interrompeu. A voz estava firme, mas os olhos marejados.

“O senhor acha que pagou? 18 anos? Meu pai pagou com a vida. Minha mãe pagou com 30 anos de insônia. Eu paguei não tendo quem me ensinasse a fazer a barba. Pagou? Não me venha com essa palavra.”

Marcos baixou a cabeça. Não respondeu na hora. Respirou fundo. Depois disse:

“O senhor tem razão. Não usei a palavra certa. Cumpri a pena. Isso não é pagar. É só... cumprir. Pagar mesmo não dá nunca. Eu só posso mostrar o que fiz depois. E esperar que, um dia, o senhor consiga olhar para mim sem sentir o gosto de sangue.”

Dona Lourdes ficou em silêncio por quase um minuto. A mão dela, que segurava a bolsa, tremia.

“Eu sonho com ele toda semana. No sonho, ele está vivo. Depois eu acordo. E lembro. Você não sabe o que é isso.”

“Não sei”, Marcos respondeu. “Nunca vou saber. Só sei o que é acordar e lembrar que matei.”

A filha de Roberto, uma mulher de 35 anos chamada Regina, que até então não tinha dito uma palavra, ergueu a voz:

“Por que o senhor fez isso? Por uma briga de trânsito? Meu pai nunca brigou com ninguém. Ele parava no acostamento para ajudar desconhecido. E o senhor... o senhor tirou ele por causa de uma buzina?”

Marcos não desviou o olhar.

“Não tem resposta. Nenhuma resposta que sirva. Eu posso dizer que foi impulso, desespero, medo. Não vai mudar o fato. Eu errei. Errei feio. Se eu pudesse voltar, teria seguido em frente. Teria ouvido a buzina e ido embora. Mas eu não voltei.”

O silêncio voltou. Mais pesado.

Marcos abriu a carta. Leu em voz alta.

“Matei seu marido. Seu pai. Não posso devolver ele. Posso apenas dizer: construí cada tijolo pensando que nada traria ele de volta. Mas que eu poderia, pelo menos, não ser um monstro para sempre. Se precisar me odiar, tudo bem. Eu me odiei por 20 anos. Mas se puder... me perdoe.”

O vento levou as últimas palavras.

Dona Lourdes chorou. Baixinho. Um choro contido, de quem aprendeu a sofrer sozinha.

Roberto Filho apertou o queixo. As mãos tremiam.

“Meu pai era bom”, ele disse. “Não era perfeito. Ele também errava. Mas ele era bom.”

“Imagino que sim.”

“O senhor não o conheceu.”

“Não conheci. E isso é minha maior vergonha. Matei um homem que não conhecia. Que não me devia nada.”

Dona Lourdes levantou. Andou até Marcos. Ele ficou sentado. Ela estendeu a mão. Parou no ar. Cinco segundos. Depois tocou os dedos dele. O aperto foi rápido. Ela soltou primeiro.

“Não posso dizer que perdoo. Mas... também não posso mais odiar. Já são 30 anos. O ódio me envelheceu.”

Roberto Filho também apertou a mão de Marcos. Mais firme que a mãe. Olhou nos olhos dele.

“Não vou dizer que está tudo bem. Não está. Nunca vai estar. Mas o senhor construiu coisas. Escolas. Um viaduto. Isso é mais do que muito filho da puta por aí fez com a vida. Só isso.”

Antes de ir embora, ele perguntou:

“O senhor realmente construiu escolas?”

“Quatro. E um viaduto.”

“As escolas são boas?”

“As melhores que eu pude fazer.”

Roberto Filho assentiu. Virou as costas. A família foi embora.

Marcos ficou sentado no banco. Andréia ao lado.

“Tudo bem?” ela perguntou.

“Pela primeira vez em 30 anos... sim.”

— O perdão não veio em forma de abraço. Veio em forma de silêncio e uma mão que hesitou antes de tocar. Eu aceitei assim mesmo.

Capítulo 20 — O que Ele Aprendeu

Na noite anterior a contar sua história para um livro — esta história que você está lendo agora — Marcos sentou no escritório de casa. Miguel já dormia. Luna também. Andréia tomava banho.

Ele pegou um caderno novo. Caneta preta. Escreveu no topo da página:

O QUE EU APRENDI EM 30 ANOS

Demorou duas horas. Riscou. Reescreveu. Apagou mentalmente. Na manhã seguinte, mostrou para Andréia.

"Está certo?"

Ela leu. Chorou.

"Está perfeito."

Cinco lições. Cinco tijolos.

1. Você não é o pior dia da sua vida.

"Cometi um assassinato. Isso é fato. Mas não sou um assassino. Pelo menos, não sou só isso. Sou um homem que matou. E se arrependeu. E chorou. E estudou. E construiu. E amou. Ninguém é resumido a um segundo. Ninguém é resumido a um erro. Nem você."

2. Ninguém vem te salvar. Salve-se.

"Saí da prisão sem ninguém. Sem mãe, sem pai, sem namorada, sem amigos. Se eu tivesse esperado ajuda, estaria morto ou na cadeia de novo. A ajuda veio depois — quando eu já estava de pé. Primeiro você levanta sozinho. Depois aparecem as mãos estendidas."

3. Construir leva tempo. Destruir, um segundo.

"Demorei 18 anos para destruir minha vida. Levei mais 12 anos para reconstruir. Valeram a pena cada minuto. O problema é que aprendemos a destruir rápido. Demoramos para aprender a construir devagar. Se você está no fundo do poço, não espere sair amanhã. Espere sair. Só isso. Sem prazo."

4. Família não é sangue. É escolha.

"Minha mãe me abandonou. Meu pai nunca existiu. Meus primos sumiram. Minha namorada casou com outro. Por muito tempo achei que não merecia família. Até descobrir que família não é herança. É construção. Eu construí a minha tijolo por tijolo. Andréia. Miguel. Luna. E alguns amigos que viraram irmãos. Eles me escolheram. Eu escolhi eles. Isso é família."

5. O perdão mais difícil é o seu.

"Recebi perdão da família da vítima. Recebi perdão da sociedade? Não sei. Nunca pedi. Mas o perdão que mais demorou foi o meu. Eu me odiei por 20 anos. Acordava com raiva. Dormia com culpa. Até que um dia, no canteiro de uma obra, vendo uma escola ficar pronta, eu pensei: 'Se você não se

perdoar, Marcos, vai morrer sendo o assassino. E você já não é mais ele.'
Naquele dia eu me perdoei. A cadeia ficou para trás."

Ele guardou o caderno. Apagou a luz. Deitou ao lado de Andréia.

"Você é um homem bom", ela sussurrou.

"Estou tentando."

"Conseguiu."

— Minhas mãos mataram um homem. As mesmas mãos construíram
escolas. As mãos não têm culpa. A escolha tem.



EPÍLOGO

Carta ao jovem de 22 anos

Querido Marcos de 1994,

Você está algemado agora. A prisão acabou de começar. A cela é fria. O colchão é fino. Você está com medo. E vai passar os próximos meses com muito mais medo.

Vou te contar o que acontece depois, porque você não merece sofrer sem saber o final.

Você vai tentar se matar. Vai colocar um cadarço no pescoço. Vai ficar ali por horas. Não vai fazer. Graças a um homem chamado Robson, que acordou para mijar.

Você vai chorar. Muito. Vai querer desistir. Vai desistir algumas vezes. Mas vai recomeçar no dia seguinte. Sempre.

Sua mãe vai sumir. Não odiei ela. Ela não aguentou. Você também quase não aguentou.

Sua namorada vai casar com outro. Deixa. Ela não era a certa. A certa vai aparecer quando você tiver 50 anos. Sim, 50 anos. Você vai esperar. Vale a pena.

Você vai estudar. Vai estudar como se a vida dependesse disso — porque depende. Vai se tornar engenheiro civil. Dentro da cadeia. Com computador discado. Não vai ser fácil. Vai ser possível.

Quando sair, não vai ter ninguém esperando. Vai doer. Você vai chorar na rodoviária. Depois vai trabalhar. Vai carregar tijolo. Vai passar fome. Vai quase falir. Vai vencer.

Constrói uma empresa. Constrói uma família. Constrói um império de concreto e amor.

E um dia, num viaduto com seu nome, você vai olhar para trás e pensar: "Valeu." E vai valer.

Não desiste. Por favor. Não desiste.

Com amor, raiva, saudade e orgulho,

Marcos — 52 anos.

"Não importa o que você fez. Importa o que você faz depois."

FIM

PALAVRAS FINAIS DA AUTORA

Você acabou de ler uma história que não aconteceu. Mas poderia ter acontecido.

Em algum presídio do Brasil, neste exato momento, há um homem ou uma mulher estudando à luz de um corredor. Há um cadarço guardado debaixo do colchão. Há um diploma sendo conquistado a cada página virada.

A diferença entre eles e Marcos é uma: alguém leu esta história e decidiu estender a mão.

Não estou pedindo que você perdoe crimes. Não estou pedindo que ignore vítimas. Estou pedindo apenas uma coisa:

Da próxima vez que alguém disser “eu saí da cadeia”, não atravesse a rua. Não desvie o olhar. Pergunte: “E agora? O que você quer fazer da vida?”

A resposta pode ser um silêncio. Ou pode ser o início de uma ponte.

Construir é melhor do que destruir. Sempre.

A Autora